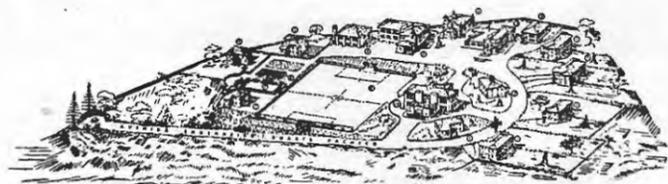




Visado pela
Comissão de Censura

O Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO XVI—N.º 409—Preço 1\$00
14 DE NOVEMBRO DE 1959

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO * PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA * DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA * AVENÇA * QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

FACETAS DE UMA VIDA

OUTRO caso a demonstrar a boa alma do Américo:
Um amigo de Lourenço Marques (dos que fizeram parte da expedição militar ao Barué e esteve, com alguns destes, em sua casa), com quem mantinha correspondência assídua escreveu-lhe uma carta cheia de tristeza e nela por qualquer coisa que o tivesse indisposto, dizia-lhe que estava farto de tudo. Era uma carta repleta de amargura.

Dias volvidos, recebeu o amigo um telegrama em que o Américo lhe pedia que esperasse por ele e indicava o navio em que viria à capital. Sabida a data da chegada do barco, pensaram os amigos fazer-lhe uma recepção estrondosa, até com uma banda de música particular existente na cidade. Esta parte musical não se conseguiu levar a efeito, por o barco ter chegado à noite, já um pouco tarde, o que impediu reunir os componentes da banda.

Atracado e invadido o barco, foi o Américo assaltado, abraçado por aquela «malta» de amigos que lhe mostraram bem entusiástica e exuberantemente a alegria que sentiam em o tornar a ver. Satisfaz-lhe ver aquela prova de amizade que lhe manifestavam, mas notava-se-lhe uma certa ansiedade, um quê de preocupação. Instantes decorridos, chamava de parte o amigo que lhe escrevera e segredou-lhe:

— Vê se mandas embora os rapazes, que quero falar contigo.

Conseguiu-se despachar todos, marcando-se encontro para o dia seguinte.

Sós, os dois, dirigiram-se para fora do recinto do porto. Alguns passos dados, segurou o braço do amigo e com aquela voz de meigo interesse que todos lhe conheciam, lançou a pergunta:

- Olha lá, o que é que sucedeu?
- O que sucedeu? Não sei de nada!...
- Então aquela carta que me escreveste?
- Que carta?

O amigo, após a missiva e passado o momento de depressão moral que a ditara, esquecera por completo o amargo das palavras que usara, esquecera de todo a própria carta.

- Então não te querias matar?
- Eu, matar-me?

Só então o amigo se recordou da carta que escrevera e compreendeu o significado do telegrama que recebera: «Espera por mim».

O Américo quis, com aquele telegrama, sustar qualquer acto tresloucado por parte do amigo. E teve este desabafo:

— E fizeste-me vir a Lourenço Marques! E veio, apressado, com o único fim de vencer o amigo a não se suicidar.

Explicadas as coisas, — que a amargura que provocou o desabafo da carta foi coisa passageira e que nunca estivera no ânimo do amigo empreender de sua vontade a grande viagem, o Américo, fazendo-se zangado, increpou-o de novo:

continua na página dois

Filhos de pai incógnito

O

nome do teu pai?

Por momentos reinou o silêncio. O rapaz ficou muito vermelho e respondeu muito baixinho, sempre a medo.

É a vergonha sofrida pela inocência. Quem há aí que assinale ao mundo este duplo crime de se esconder e furtar aos inocentes o seu direito à paternidade?

Quem há aí que não chore a desdita de não possuir a mãe ou o pai que conheceu e deixou de ver porque a morte os separou?

O pai! Esse desconhecido... tantas vezes cruel e injusto! Falo dos que se escondem e fogem à responsabilidade que neles caiu quando do seu pecado. Será homem todo aquele que foge à responsabilidade de adoptar o seu filho? Não. Não pode usar o dito nome quem se rebaixa tanto. A palavra «homem» tem as suas responsabilidades. A criança desaparece com o crescimento da noção das coisas.

O homem é fraco?, caiu? E que culpa tem a criança, nascida da queda, de que a lancem no mundo por leviandade ou fraqueza?

No momento em que te escrevo, Amigo Leitor, as lágrimas vêm aos meus olhos. Choro, não somente porque sou vítima, mas porque outras e outras estão para vir e entrar nos Monsantos e nas Colónias Penais, apontados e repudiados como criminosos.

É o que espera os filhos de pais incógnitos. A cadeia dum lado, o leito do sanatório do outro. Prendem-se inocentes e a perversidade continua de mãos dadas com as leis.

Se tu, Amigo Leitor, pudeses entrar nos fortes, nas cadeias e colónias penais, por onde andei, e perguntasses a um por um, quem era e de onde veio, decerto choravas comigo. Se queres, experimenta, (e não darás por perdido esse tempo). Vais mesmo à rua, onde se diz: rua lamacenta de perversidade, e ali vês mulheres que foram mães, raparigas atraídoas pela ferocidade dos homens. A fera feriu e fugiu à responsabilidade. A primeira vítima escondeu-se, por vergonha, ou mesmo para angariar o pão para sustentar a outra vítima — o inocente, filho do pecado.

Isto é cruel, isto é lama, mas é a verdade. Recordo-me de ter como colega no forte de Caxias, um rapaz a quem a mãe ia visitar. Eu via nele uma enorme tristeza, e soube a causa. A mãe, era duma casa de prostituição. O pai, era ri-

co, mas não lhe tinha dado o direito de o chamar por pai. Eis a dor. Eis a vergonha deste rapaz. Eis a razão profunda do seu crime.

Quando estas letras te chegarem às mãos, apalpa-as bem, comunga delas, e dá-lhes o lugar merecido no teu coração, porque elas são escritas com as lágrimas de muitos corações sofredores, que anseiam por ser reconhecidos como fi-

lhos legítimos. São as próprias lágrimas dessas mães «fracas» — porque pobres — que se deixam vitimar por homens que possuem um lugar de destaque nas terras onde vivem. É mesmo — e isto é o que mais nos deve entristecer, porque é a maior perversidade — o lugar deles na sociedade, que os esconde das leis, e os deixa como feras dentro do que é seu. Pobres Mães! Tantas vezes vos lançais na lama, porque não tendes quem vos proteja, quem obrigue o pai do vosso filho a ser reconhecido como tal.

Vem daí comigo, Amigo Leitor, e ajuda-me nesta promessa. Deixa que isto te entre no coração e se puderes fala. Fala, ainda que te custe. Defende os inocentes, para que eles não sejam as vítimas do crime. Na hora própria, Deus estará connosco.

Ernesto Pinto

AUTO-CONSTRUÇÃO

Há um bom número de indivíduos ou de famílias que não são objecto do pensamento ou da ajuda de ninguém. Ao contrário, muitos directa ou indirectamente os exploram. Nem são os muito pobres, nem são os muito ricos. Estes, ou por um motivo ou por outro, recebem auxílios de muitos lados. Aquelles a quem aqui nos referimos, não. Têm, por vezes, saúde, mas poucos rendimentos. Há muitos deles que não têm trabalho permanente. Trabalham numa courelita sua e em duas ou três courelas arrendadas. Essas rendas de agora são puxadas. Por vezes foram arrendadas em leilão à norma de quem dá mais. Na miragem de terem umas couves, umas cebolas e umas batatas, lá foram oferecendo mais e mais numa perfeita inconsciência. As cabras, os porcos e os vitelos são ao dinheiro de outras pessoas. Se há ganhos, são a meias; se há prejuízos são a meias também. Dessas meias e do que cresce das rendas elevadas, de que atrás falamos, tem de sair para

o azeite, sabão, petróleo, pinguinta de vinho, para os cigarritos, pois muitos deles fumam, porque a sociedade os ensinou a fumar; para o alfaiate, costureira, barbeiro; vem a licença, (que dizemos nós?!), as variadíssimas licenças: do cão, da ovelha, do carro; vem as roupas dos filhitos. Vêm as despesas com o médico, com o sacerdote, com a farmácia.

Rapazes pertencentes a estas famílias, ou homens recentemente casados nestas condições, regra geral, nem possuem casa nem a podem arrendar. Se analisarmos bem as coisas, estes são em muitos casos as pessoas mais pobres duma terra. São estes que a auto-construção quer ajudar. Alguns deles não são miseráveis, mas são realmente pobres. Assim entendemos as coisas. Esta gente, de que falamos acima, é gente pobre e devemos num movimento de justa compreensão ajudá-los, pois que uma boa parte das vezes são es-

continua na página dois



CALVÁRIO

A

rua forrada a granito cinzento é irmã de tantas. Cor, movimento, ruído de quem passa com norte ou sem ele, tudo muito vulgar. Os meus passos, cêrinhos com os do Carlos, que me acompanha, de igual sorte o são. Longe, porém, de o ser, o infortúnio que ali nos chama — um canceroso. O número que procuro está à vista. O arco da porta prolonga-se em pequeno túnel abatido e escuro, para logo nos apresentar íngreme e descoberta escadaria de pedra a perder-se em meio de roupas multicores a enxugar ao sol fraco. Trepo lentamente para saborear o panorama. Caiotes e lixo nos degraus fazem constante barreira. Roupas a pingar molha-nos o piso. Crianças semi-nuas espreitam e estendem a mão a pedir «santinhos». O fumo rola ao sair dos postigos das cozinhas. De ambos os lados sabor a fritos.

Lá no alto, velhinha risonha acena-nos que é ali. Eu desconhecia a morada exacta. Não revelara sequer o que pretendia. Mas é ali.

— Vem para o confessar? — pergunta-me ela.

— Não senhor, para ver alguém que sofre.

— Era grande esmola, se Deus o levasse — acrescenta a boa vontade da pobre, que aponta o n.º 14.

Mais uma vez me invade a tristeza ao verificar que a presença do padre é só aviso de morte próxima. Incómoda presença, quando entes queridos estão gravemente enfermos. Suspirada, porém, e sinal de alívio, quando alguém é tropeço. Pelo teor das conversas de vizinhas que se acercam, parece haver regozijo com a ideia de em breve se arrumar alguém que já nos cheira mal.

O próximo estorva nestes sítios.

Entro na casa baixinha. Um só quarto. Do alto vem luz e ar. Faltam telhas. Encostada à parede encardida, cama velha de madeira. Sobre ela um cobertor roto e sujo esconde o onxergão. Em meio o doente, o irmão que sofre.

Quero conhecer da boca dele o mal que o prostra. As frases

sem repugnância para o cuidar? Uma filha trata-o, mas a pedido instante de uma conferência vicentina. É preciso suplicar e pagar aos filhos para olharem pelos pais. Os nossos tempos aparecem com novidades espantosas!

Diz-se correntemente que vivemos em superior civilização. O progresso estonteante das últimas décadas é o sinal.

Proclama-se perentoriamente, aquém Pirineus, que somos cristãos de alto quilate. O clima de justiça, de caridade e amor mútuo, em que não há lugar sequer para indiferenças com o próximo, deve ser a manifestação palpável daquela afirmação. Os factos, no entanto, são desmentido perfeito do que se apregoa.

Ele não é só aqui no coração do Porto, que as coisas são

povoação desabitada ou mansão de eremitas. Um camponês de meia idade, sem grandes falas, leva-me ao parapeiro de quem procuro. Ruelas e becos andados, o guia serrano indica-me um alpendre de madeira, caracteristicamente beirão, servido por escada de quatro pedras toscas. Subo-as e dou de frente com rapariga nova, paralítica, de feições disformes, em gestos descontraídos. Uma anormal. Em redor sujidade. Rosto, mãos e roupa de igual jeito. Cheiro fétido empesta o ambiente e atrai chusma de moscas. Sendo ela orfã de pais, parentes próximos suportam-na a custo, mas na varanda. Humanamente falando, deparo com um animal imundo. Nunca tal abjecção encontrara! E, no entanto, a fé segreda-nos que uma alma imortal, criada à imagem e semelhança de Deus, se esconde em tão repelente figura. Deus, por vezes, é exigente.

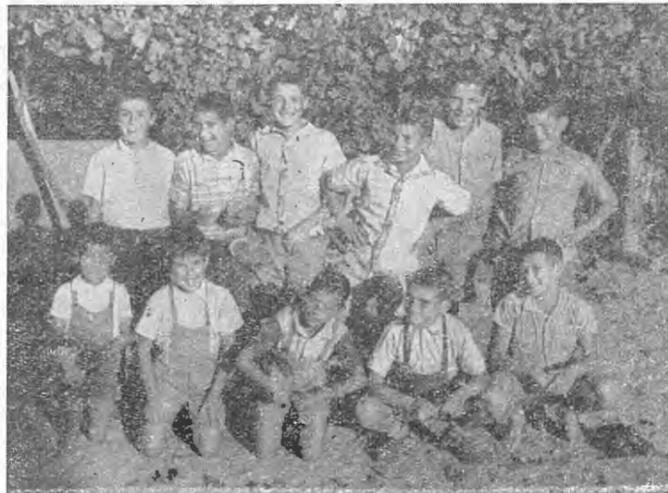
Em face deste monstro é difícil pronunciar um acto de fé. Contudo Ele coage-nos. E nós não hesitamos. Que ela seja aborto não é connosco; mas, que tenha vivido vinte e oito anos já, em piores condições e abandono que animal, isso sim. Trata-se de membro da Sociedade e de irmã dos cristãos. Ora, na vida diária isto não passa de teoria sem grande aplicação concreta.

Não podemos concordar que este ser fique em abandono, e vai connosco para o Calvário.

As instalações actuais estão repletas. É urgente rasgar novos caboucos. Muito urgente até.

Quem vem, pois, com pedras e telhas para levantar moradias condignas e mostrar ao mundo que o cristianismo é vida em Amor operante e fraterna? Quem?

Padre Baptista



Casa do Gaiato de Beira sorri para o mundo. Estão aqui onze. O campo de futebol está pronto, porém, falta o melhor!...

saiem-lhe espaçadas. Trata-se de tumor maligno nos intestinos. As fezes saiem por orifício artificial. Destapa-se e mostra-o. Está nú, e nauseabundo. Revela-se-lhe no rosto pálido a dor de assim se encontrar. Mas quem se abeira

ao invés; é mal geral. Vamos à Beira-Baixa.

A pequena aldeia escura e triste, de casas amontoadas em ruas tortuosas atapetadas de esterco perde-se em denso pinhal. Reina silêncio. Dír-se-ia

FACETAS...

continuação da página um

— Grande maroto! E fizeste-me vir a Lourenço Marques!

Foi um alívio para o Américo constatar que a suspeitada tragédia não se dera nem estivera para se dar.

Grande alma, grande coração!

Os dias, poucos, que demorou em Lourenço Marques, pois foi só aguardar a partida do navio que o trouxera, para regressar ao Chinde, foram de amena, alegre convivência, em que pôde apreciar a amizade do punhado de moços a quem tanta assistência prestara. Moços que não se pouparam em esforços, para lhe patentear a sua estima, a grande satisfação que sentiam em o ter na sua companhia. Bendisseram a carta do «neurasténico» amigo, — causa determinante da deslocação do Américo a Lourenço Marques.

Auto-Construção

continuação da página um

quecidos de toda a gente. Eles não estendem a mão à caridade mas a mão das pessoas caridosas deve estender-se para eles. Quem os quer ajudar, ajudando o movimento da auto-construção?

Recebemos de Aguiar da Beira, 40\$; dum africanista, 50\$; dum funcionário público de Aveiro, 30\$; dum empregado de Lisboa, 30\$; ainda de Lisboa—Cova da Piedade, 150\$; Moçambique, 100\$; um jovem de Lis-

boa, 30\$; um alfaiate de Lisboa, também novo, 50\$; um modesto empregado comercial, 40\$; outro, 30\$; um anónimo do Porto S. S. M., 100\$; vem o Minho, com 30\$; um anónimo com a carta carimbada de Penafiel, 400\$; um do Porto, que já repetiu o gesto diversas vezes, 500\$.

Estes e, aliás, muitos outros já compreenderam que a auto-construção não trata de fazer casas para ricos mas na grande maioria dos casos para os pobres mais pobres duma terra.

Um Banco de Moura transaccionou 5.000\$00 sem desconto.

Toda a correspondência para Auto-Construção: Aguiar da Beira — Beira Alta.

Padre Fonseca

30.000 X 20\$00 = 50 CASAS

EM numerário a correspondência continua longe do nível sonhado por quem teve a lembrança desta campanha. Mas o movimento segue com interesse e expressões de outra eloquência aparecem dia após dia.

«Chegou o momento costumado. Envio os 50\$ para as 50 casas.

Que Deus o ajude para bem dos nossos Irmãos, que muito precisam.

Silêncio».

Que nome mais lindo para subscrever uma mensagem de Caridade do que este?: «Silêncio»!

Outro: «Para resgatar a m/ dívida, junto um vale de 20\$». E uma que se diz «pecadora» e pede a Pai Américo a sua intercessão junto de Deus em favor dos filhos e netos.

A ilha da Madeira não é longe: «É pouco o que mando, mas prometo bater-lhe à porta mais amiúde, com o que puder. Quem tem mulher e seis filhos a seu cargo nem sempre dá o que quer mas sim o que pode». Belezas escondidas que tornam mais linda e mais rica a Pérola do Atlântico.

Uma torrejana sente e sofre o esquecimento dos da sua província, e por isso pede «a Deus que toque no coração dos ribatejanos, que tão esquecidos andam dessa grande Obra».

«Também eu não tenho casa. Sempre a viver em casa alheia sinto bem as necessida-

des dos outros. Quero no entanto do meu pouco tirar os 20\$ e dizer como deviam dizer todos os Portugueses: «presente!»

«Fiz promessa, caso conseguisse deixar de fumar, enviar a importância que aproximadamente gastava por semana, para a campanha das 50 casas».

E que dizer de requintes de delicadeza como este?: «Venho pedir que tenha a

bondade de consentir-me que participe na campanha dos 30.000X20\$ com o modesto óbulo aqui incluso.

É pouco o que envio, comparado com o que eu desejava ajudar uma obra de tanto esplendor social como é a vossa, mas o meu piano tem muitas teclas».

Um engenheiro de Lisboa manda a sua lembrança e fá-la acompanhar da dedicatória do seu amor conjugal: «Quero esclarecer que não sou só eu a dar, mas eu e minha mulher, que, graças ao Senhor, me acompanha em todos os trabalhos e alegrias».

E esta confissão?...: «Há uma frase que classifica bem a m/ maneira de proceder: De boas intenções está o inferno cheio».

Sempre que chega «O Gaiato» o primeiro pensamento e desejo é enviar a assinatura acrescida dos 20\$ para a feliz ideia das 50 casas. Mas surgem mil e uma dificuldades indesculpáveis, e assim vou



B

M nossa Casa há ao todo dois momentos diários de silêncio: o dormir e a catequese. Ambos religiosamente respeitados. Ora há dias eram duas da manhã e batem-me à porta. Era o Chafinhas. «Snr. Padre, venha depressa que o Pera diz que lhe doi o coração e parece que lhe está a parar». A excitação do mensageiro era inquietante e fui depressa. Uma aflição enorme, motivada por um desequilíbrio nervoso. Uma criança de catorze anos! A mãe morreu e o pai é tuberculoso. A doença que mata os Pobres! O ambiente familiar destruído pela doença, vários anos no hospital, deram ao Pera destes ataques nervosos, de vez em quando. Ele acalmou e eu acalmei. Mas quantos filhos de Pobres sem culpa, correm assim para a morte!

Da catequese veio agora mesmo um a correr. Aparece à porta do quarto e anuncia: «o Toutinegra está lá em baixo a pedir ao Pirata um catecismo».

Ora o Toutinegra tinha caído há dias de cama com febre alta. Mando-o chamar. «Eu já estou aborrecido de estar na enfermaria». Fala com uma voz chorada mas serena. «Fui pedir um catecismo para estudar na cama. Ainda não sei o Pai Nosso. Que é então que já sabes? «Sei o Pelo Sinal, a Avé Maria e o Pai Nosso até... as-

sim na terra como no Céu. E também já há muito que não vou à escola. Já não sei fazer os problemas».

Aqui, LISBOA

Este rapaz (caso único) logo no dia que entrou quis saber a que hora é que podia estudar. Ainda eram férias, mas não lhe fizeram perder o gosto pelo estudo. Mas pelo catecismo é que ele é delicioso. Ai mundo por onde tu andas! Este rapaz enquanto foi teu, nunca ouviu falar de Deus. Tem oito anos e nunca ninguém lhe segredou o Pai Nosso—a oração da verdadeira humildade, a oração que te pode trazer a Paz, como satisfação a esta criança. Como Deus brilha resplandecente no desejo deste meu filho! Quando tu...

● O Rui. O Rui é o rapaz mais traquina da nossa comunidade. Oito anos pequenitos, russo de olhos azuis muito vivos e enternecedores. Pois no recreio ninguém pára com ele. Não joga a bola, mas ninguém gosta tanto de dar pontapés. É nos companheiros. Corre-os todos e nunca fica desarmado. Com os maiores, para chegar à altura respectiva, e quando eles menos esperam, dependura-se-lhes num braço e aí vai um pontapé. É claro que eles acham graça e não fazem o mesmo.

Mas se isto tem graça há coisas que não. No fim da mesa Rui corre tudo à procura de sobejos. Se não há nada e ainda estou a comer vem até à minha beira. As vezes leva mais alguma coisa, mas outras eu não caio. Ele come demais à mesa. É exagerado em tudo.

Querem ver esta? Um vício autêntico. Nos primeiros dias que chegou, para andar de carro. Quantos cá apareciam em todos se metia e pedia que o levassem «para a minha vila». Aqueles olhos suplicantes faziam dó. Um dia depois de

tanta risota com as saídas ladinas que ele tem, teve esta: «Então se eu sou assim tão engraçado porque não me leva?» Mas o Rui tem um vício muito feio. Tem sido acusado pelos colegas de que vai de noite pelas camas à procura de coisas e rouba. Já apanhou e há-de empregar no bem toda a vivacidade e esperteza que Deus lhe deu. Tem-se corrigido muito. Oxalá que todo o mundo se corrigisse assim, daquilo que vai fora das marcas. ● A nossa Tipografia. Que mimo! Dá mesmo gosto ver tudo a trabalhar. As máquinas e paredes pintadas pelo nosso João de Torres Novas; as mesas enormes feitas na nossa carpintaria com madeiras vindas do Banco de Portugal; e o material de composição, novinho que dá gosto olhar para ele, vindo algum de algures de Lisboa de uma Casa que espera uma mão cheia de contos que ainda ninguém deu!

P. S.—A Casa que foi entregue no Tojal no dia de todos os Santos fica na Parede. Será entregue ainda este mês. Padre Zé Maria

Da que nós necessitamos

«MPELIDO pela força da vossa Obra, mais uma vez sinto a satisfação de contribuir embora modestamente para o alívio dos que necessitam». Bendito seja Deus por ter escolhido a Obra da Rua como instrumento Seu para fazer chegar até às almas a força que a sustenta. Veio do Congo Belga. Diante de nossos olhos um monte de cartas, outros tantos testemunhos. Migalhas de 20\$, muitas e de todos os lados. Esta veio de Vila Flor, aquela de Lisboa, mais esta de Peniche, da Vila da Lixa, etc.

Agora é um pai que chora os desgostos do seu filho mais novo e implora o auxílio de Deus lembrando-se dos Pobres com 100\$. Outro tanto e uma carta cheia de fogo, do Porto. Dos «dois amargurados» os 50 do costume e o dobro de Viseu. Angola marca presença com duas de cem, sendo uma de Luanda. Lourenço Marques segue-lhe os passos com 5 vezes mais. Outros 300\$ da cidade de Aveiro.

Como sempre os grupos excursionistas vêm e deixam ficar um pouquinho do seu: os «Leais de Francos» — 83\$20; «Os Teimosos de Paranhos» — 30\$. «Os Bairristas do Palácio» têm cumprido a sua promessa. Todos os anos nos visitam com o mesmo carinho e entusiasmo de sempre. Não é uma excursão. É antes uma romagem ao nosso Santuário de Almas. Deixaram-nos, para além de tudo o mais, 1.879\$00. Da Fábrica de Malhas Anita, 3 de 20. Roupas para nós e nossos Pobres, de Lisboa. No «Comércio do Porto» 100\$ em sufrágio da alma de D. Alice. É nas coisas simples que se manifesta a grandeza das almas. É nas coisas simples que Deus manifesta a Sua beleza. Ora vejam: «esta dádiva insignificante é o resultado das economias que fiz ajim de com ela pagar uma promessa por ter feito

o 6.º e o 7.º anos do Liceu e Aptidão à Universidade no mesmo ano». Ó beleza do verbo esperar! Da R. da Corticeira, os 20\$ habituais.

E esta de Coruche: — 3.000\$. Nem carta registada, nem nada. Não sei que mais admirar se os 3 mil, se a confiança de quem os manda. Mais presenças de Afurada, de S. João da Madeira, do Pessoal da Mobiloil com 53\$50, uma caixa com livros do Liceu, que muito jeito nos faz: em, roupa linda de Albergaria-a-Velha, de L. S., da Póvoa em acção de graças. 500\$ da cidade da Beira. De outra Caixa Postal da mesma cidade o queixume pelo pouco (talvez muito) que tem dado e a promessa de 100\$ mensais. Chegaram os 50 FR. de I. M.

Mais grupos excursionistas — «Os Amigos do Senhor da Pedra» deixaram 50\$. «Uma muita Amiga da Obra da Rua» tem ido ao Espelho da Moda deixar o seu carinho por nós. Muitas lembranças para o Pai Américo. É a gratidão por todo o bem que receberam. Mais roupas para os nossos pequenos. Lágrimas de uma viúva no aniversário do passamento de seu marido. Súplica de um jovem pelos jovens da sua cidade. Não faltam os sorvetes e chocolates Rajá, que aqui vieram propositadamente dar uma consoladela a toda a comunidade.

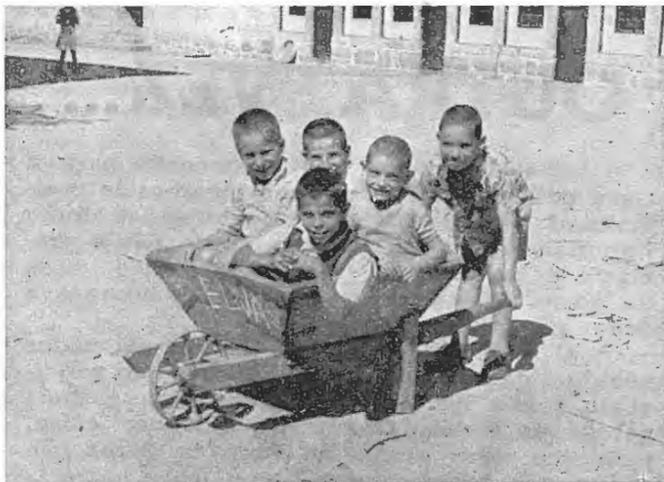
Chegaram-nos notícias do Hospital de Moçamedes. Estejam descansados. Mais de Changara e 420\$ também da nossa África para duas famílias necessitadas cujo chefe não possa trabalhar por doença.

A Caridade é inteligente. Descobre todos os meios para se realizar. Das multas que o pessoal de J. C. Andrade se impõe recolheram 1.850\$. Em «O Primeiro de Janeiro» — 1.500\$ + 150\$. Os 70\$ do costume de Vale de Figueira. Mais um queixume e um acto de arrependimento de «um tripeiro» que quer fazer ainda mais do que aquilo que tem feito. De Corgas, pelos 25 anos da ida lá de Pai Américo, 500\$. «Um devedor do S. C. J.» desobriga-se com 450\$. Mil libras de «uma Amiga da Obra» em de Bragança. Esta não traz dinheiro mas uma Confiança, que não merecemos. Isto é verdadeiramente do que nós necessitamos.

E para fechar com chave de ouro esta carta tão simpática do Lumbo que manda 250\$ para festejar os anos do Snr. Padre Carlos. «Atenção Moçambique: chegou a tempo a lembrança».

Não podemos, por falta de espaço, dar aqui notícia do muito mais que vemos em nossa frente, na certeza, porém, de que há-de ficar escrito no Livro da Vida. Graças a Deus.

Padre Manuel António



Eles, mais eles, só eles e o carro de maior quilometragem que neste caso é ela, a carrela!...

Conferência da Nossa Aldeia

JÁ que o espaço do nosso querido *Famoso* é pequenissimo pró muito que há a dizer, vamos sintetizar as notícias, apenas com os apontamentos dos donativos recebidos.

Abre o assinante 15.436, de S. Pedro da Cova, com 10\$00 «pelas minhas intenções e graças a Deus». Muito bem. Sem graça de Deus quem pode dar? Quem pode dar com alegria? Seguem 30\$00 de Angelina Cancela Moreira. E 20\$00 de Laura Costa. E o mesmo de Lamego, de Maria da Glória Silva. Atenção Cortegeça! Aqui vão 100\$00 do assinante 11.961 por ter sido beneficiado com um aumento de ordenado. Agora, temos presente um cartão de A. G. e devemos informar que a importância foi recebida. Cá temos o *Bébé n.º 3* com as cotas de Setembro e Outubro — 20\$00. Talvez por ser pai, pai de dois filhos amorosos, a presença do *Bébé n.º 3* enche-me de alegria, sempre, duma grande alegria. Mais: é uma presença certa, certíssima. Faça chuva, faça vento, *Bébé n.º 3* não falta. Deus queira que ele abra o coração de outros *bébés*. Vamos a isso. Eis a assinante 17.022, com 40\$00 — outra presença que não descansa. Que gente feliz! Depois temos o assinante 19.205 com 120\$00 «relativos ao primeiro semestre do corrente ano». Senhoras e Senhores: vamos imitar estes subscritores que dispensam cobrador. Isto vale extraordinariamente aos olhos de Deus. E a procissão continua: mais 10\$00 de uma «Assinante admiradora da Obra». E mais 40\$00 do n.º 259. E 50\$00 do n.º 17.819. E mais 30\$00 do mesmo. E é tudo!

S. O. S. — Agora um aviso. Os senhores querem saber qual o nosso débito actual? Passa dos 7 contos!! Por isso cá estamos a lembrar para se não esquecerem dos nossos Pobres, que todos os dias nos batem à porta. Ele remédios, ele pão, ele tudo. E nós de mãos vazias!

Júlio Mendes

CRÓNICA DE BEIRE

— Meus caros leitores: cá me encontro mais uma vez a escrever umas palavrinhas desta tão linda e nova Casa do Gaiato de Beire. Temos sido tão pouco visitados pelos senhores leitores. Por isso venham a Beire e à frente encontrarão o Calvário com os seus doentes incuráveis cada um com sua tarefa para que possam passar melhor o tempo.

— Já temos o nosso maior pensamento resolvido, que é o campo de futebol. Já está pronto a compor e a estragar canetas. Graças ao Sporting e ao F. C. do Porto que já nos ofereceram uma bola cada; velha ou nova já serve. Agora esperamos que alguém nos mande as equipas e chuteiras, para ficarmos remediados e com o assunto resolvido. Está hem?

— Há muito que não se fala dos nossos Pobres da freguesia. Dantes ainda se recebiam roupas e remédios, calçado, etc.. Decerto estão zangados cá comigo. Se estão quero que me digam.

— Como devem saber, já nos ofereceram um piano. Já se anda a estudar música para o tocar, e agora falta-nos um harmónio para a Capela para nos acompanhar nas vozes secas.

— Estamos na época da colheita de S. Miguel. Este ano em batata tivemos muito pouca, mas milho graças a Deus que tivemos a dobrar. Chega para nós e para Paço de Sousa. E vinho isso é que não chegou a nada, mas foi a vontade d'Ele.

Zéquita

Gaiato